

OS VINGADORES – A REPRESENTAÇÃO MÍTICA DO HERÓI CONTEMPORÂNEO¹

Andrio R.J. dos SANTOS²
Janaíne SANTOS³

Resumo: Este trabalho intenta, através da análise fundamentada pela semiótica de Pierce, estimar o valor do herói mítico no imaginário contemporâneo, considerando os sentidos imbuídos no trailer definitivo do filme Os Vingadores. Leva-se também o olhar à fundamentação do monstro mítico e a colocações acerca de crença.

Abstract: This paper attempts, through the analysis based Pierce’s semiotics, estimate the value of the mythical hero in contemporary imagery, considering the meanings imbued in the definitive The Avengers’ trailer. It also takes the look to the reasoning of the mythical monster and placements about belief.

Palavras-Chave: Mito. Herói. Monstro. Vingadores. Semiótica.

Os mitos que permeiam as ideias

A mente humana é um campo fértil para a propagação de ideias, é onde os anseios, os desejos de um indivíduo encontram seu apoio mais forte para se desenvolverem. É o campo de rompimentos com conceitos e de reorganização de sentidos. O mundo era tangível e apreensível pela contemplação e pela indução, abarcado nas faculdades do imaginário. O homem criava símbolos, seres e representações grandiosas, utópicas, oníricas, como deuses, dragões, heróis, seres divinos ou profanos. E de toda essa teia de símbolos regidos pelo regime da imaginação, nasceu o mito – a maneira de representar o mundo frente a uma consciência indutiva e representativa, num sentido de persistir, perdurar, de fixar um legado, algo a repercutir e não ser esquecido mesmo que possa ser distorcido. A

¹ Trabalho apresentado no XV Seminário Internacional de Educação do Mercosul, realizado de 3 a 10 de maio de 2013, no campus da Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta – RS.

² Acadêmico do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNICRUZ, email: andrio_labrie@hotmail.com.

³ Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação e Docente do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNICRUZ, email: janaines@gmail.com.



eternização de uma flâmula, de uma figura, de um conceito por trás da estética da imagem. O mito.

Assim também nasceu o monstro, um personagem mítico que, no geral, representa e personifica os medos de uma sociedade. Em certos casos, pode referenciar também seus anseios, expectativas e decepções. Pode ainda servir como modelo e exemplo de conduta, como no caso do personagem da mitologia nórdica, Grendel, apresentado no poema épico Beowulf, fruto de uma relação adúltera entre o rei Hrothgar e a monstruosa mãe de Grendel. Dessa relação de adultério nascera um monstro.

Mas se o monstro é a representação do que é mal, seu equivalente antagônico é o herói. Sempre houve lendas sobre grandes heróis, em todas as culturas, em todas as eras. O herói e a flâmula da justiça, do bem, da fé, que tem a incumbência de salvar a generalidade impotente frente a ameaça monstruosa.

Estes seres míticos carregam sentidos consigo, potencialidades que agem sobre a mente dos indivíduos. E esses sentidos fazem deles coisas a significar, algo que conduz os pensamentos e sua apreensão de sentido numa certa direção. No passado, seus significados eram contidos nas lendas, registradas em tomos ou apenas repassadas de forma oral. Na contemporaneidade, os sentidos permeiam todas as formas de mídia – literária, jornalísticas, cinematográfica, etc. Os personagens mudaram, as anomalias e divindades antigas encontraram seus equivalentes potenciais contemporâneos, mas o sentido simbólico dentro do mito permanece. E é o papel mítico do herói para o imaginário social, a partir do monstro, é o que se tenta ilustrar aqui.

A faceta dos mitos

O conceito de heróis e monstro propriamente dito varia em suas raízes e definições conforme o período histórico e a cultura que lhe dá origem. Uma cultura específica tem o poder de criar seus próprios monstros e verdadeiramente o faz, sendo que cada monstro só pode nascer, crescer e gerar descendentes dentro de uma cultura que o alimente e sustente, tanto em suas glórias, quanto em seus medos, mas de fato dando-lhe atenção. Em uma primeira instância, poder-se-ia dizer que “esses seres (...) são a marca explícita de algo fora dos pré-supostos de

ordem, do 'natural' ou, no mínimo, do conhecido" (LEITE JÚNIOR, 2007)⁴. Mas precisamente sobre a monstruosidade, esta seria entendida como uma transgressão das leis estabelecidas, e tenta, através de sua presença singular, gerar o sentimento de temor, dúvida, aviso contra infrações ou punição.

Tanto heróis quanto monstro vêm da crença, são estabelecido pela forma de pensar de uma época, dando-se por trato ou pacto social, sempre gerado de um pensamento. O pensamento é o que gera a crença, e uma crença, nada mais é do que algo que se torna comum, que age sobre o indivíduo e que repercute, após fixar-se, em sua posterior maneira de pensar. Segundo Peirce, crença, "é [...] um estágio de ação mental, efeito sobre a nossa natureza produzido pelo pensamento que influenciará a reflexão futura" (PEIRCE, 1972, p. 56). Observa-se ainda que "A essência de uma crença é a criação de um hábito, e diferentes crenças se distinguem pelos diferentes tipos de ação a que dão lugar" (PEIRCE, 1972, p. 56). Tal colocação remete que a repetição de uma ação é o que fundamenta um hábito, pois é desta sucessão de fazeres que surge algo costumeiro e definido a cristalizar-se num indivíduo. O hábito definido é, por sua vez, o que fundamenta a crença, o que a origina e, suas ações, nesta instância, é justamente o que faz diferir uma crença de outra, pois cada crença tem seu conjunto próprio de hábitos.

E nesta perspectiva, pode-se verificar também o que Pierce define como real, "a opinião que será, afinal, sustentada por todos os que investigam [...] é o que entendemos por verdade, e o objeto que nesta opinião se representa é o real". Logo, em muitas instâncias, a crença pode induzir o real, fomentando-lhe o poder e fixando-o no pensamento. Logo, as qualidades do que se percebe no objeto, não são necessariamente as próprias qualidades do objeto, mas sim, uma percepção que sem tem deste, assim, forma-se uma imagem idealizada. Afinal, segundo Peirce, "sempre é possível serem elas (as nossas ideias) claras sem serem verdadeiras" (PEIRCE, 1972, p. 57).

Se a essência da crença é a criação de um hábito, para que se apreenda o significado de uma sensação basta que se entenda ao que o hábito dá lugar, pois "uma coisa significa apenas os hábitos que envolve" (PEIRCE, 1972, p. 58). Desse modo, a maneira como o indivíduo age tem referência direta ao que afeta os

⁴ Do artigo "O que é um monstro", publicado em 10 de setembro de 2007, por "Com Ciência, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=340>. Acesso em 19/09/2012.

sentidos e “nosso hábito tem o mesmo alcance de nosso agir, nossa crença, o mesmo de nosso hábito, nossa concepção, o mesmo de nossa crença” (PEIRCE, 1972, p. 59).

A definição de crença para gerar um monstro ou herói, então, poderia dar-se pelos efeitos que se pode considerar no objeto frente a concepção que se tem dele. Peirce coloca que “[...] a concepção desses efeitos corresponderá ao todo da concepção que tenhamos do objeto” (PEIRCE, 1972, p. 60). Logo, a imagem, a definição clássica deste mitos é o produto da soma de tais fatores, pois torna a concepção possível pelas próprias definições já estabelecidas sobre a figura citada.

Dentro desta perspectiva, a figura do herói e do monstro surge como uma representação social e mostrar-se firme na contemporaneidade do mundo. O conceito do monstro, da criatura portadora do mal, e do herói, como espelho da esperança e justiça, já estão, por meio da repetição de hábitos, enraizado como crença. Contudo, o objeto que se funde ao conceito pode ser mutável, o que garante inúmeros heróis e monstros presentes na história da humanidade.

Considerações sobre a produção Os Vingadores

Os Vingadores (no inglês original, The Avengers) é uma produção cinematográfica da Marvel Studios e distribuída pela Walt Disney Pictures. O filme estreou em 4 de maio de 2012 nos EUA, e foi inspirado na equipe de super-heróis homônima dos quadrinhos da Marvel Comics. A produção foi dirigida e escrita por Joss Whedon, e contou com atores de renome, como Robert Downey Jr., Mark Ruffalo, Scarlett Johansson e Samuel L. Jackson.

Na sua primeira semana o filme quebrou recordes de audiência e tornou-se a terceira maior bilheteria do cinema mundial. Os Vingadores também atingiu a maior arrecadação da história – ultrapassando o filme Piratas do Caribe: O Baú da Morte –, em seu total, somando mais de 1,18 bilhões⁵ de dólares, sendo mais de 200 milhões somente na estreia⁶. A crítica foi positiva, conquistando, em sites como

⁵ Disponível em <http://animatedviews.com/2012/the-avengers-tops-all-disney-films/>, acessado em 14 de abril de 2013.

⁶ Disponível em <http://www.cinemaemcena.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=44007>, acessado em 13 de abril de 2013.

Rotten Tomatoes, 93% da aprovação, com uma média de classificação de 8.1/10, considerando-se 267 análises⁷.

Inúmeros outros veículos, como O Globo, Omelete, Gazeta do Povo, entre outros, publicaram considerações favoráveis, considerando o filme, cinco estrelas⁸.

Quanto ao enredo, o filme trata da união de vários heróis do Universo Marvel⁹ – Homem de Ferro, Capitão América, Hulk e Thor, os quais possuíam filmes próprios anteriores, e mais Gavião Arqueiro e Viúva Negra, que não possuíam produções específicas, embora tivessem participado de filmes de outros heróis (Thor e Homem de Ferro 2, respectivamente).

O gancho da história se dá através de Loki, irmão bastardo de Thor, que fora exilado no espaço no final do filme Thor. Neste exílio, ele encontrou os Chitauri, uma raça alienígena que busca poder para dominar a Via Láctea, então Loki barganhou o Tesseract - uma fonte de energia desconhecida e potencialmente ilimitada – em troca de auxílio em dominar a Terra. Determinado a conseguir vingança contra os humanos tão estimados pelo irmão, ele invade uma base da Shield, organização de inteligência militar americana, e rouba o Tesseract.

Os planos de Loki são utilizar a energia do cubo para abrir uma fenda no tempo-espaço, que permitiria aos exércitos cedidos adentrarem na Terra e conquistarem-na. Assim, Nick Fury, diretor da Shield, reativa a Iniciativa Vingadores – extinta em Homem de Ferro 2 – para reunir os heróis, uma vez que os humanos são impotentes contra a ameaça alienígena e Loki, para que estes lutem pela Terra.

A semiótica de Pierce como ferramenta de análise

A partir da análise semiótica intenta-se, mesmo correndo-se o risco de permanecer a superfície de uma potencial gama de significados, estimar o valor do herói mítico no imaginário contemporâneo, utilizando-se aqui de uma história bem aceita pela generalidade sociocultural atual, no caso, o filme Os Vingadores. A análise foi feita a partir dos preceitos da semiótica peirceana. Para tal, se traça a relação do herói mítico, ser genérico, como um símbolo, instância terceira

⁷ Disponível em http://www.rottentomatoes.com/m/marvels_the_avengers/, acessado em 13 de abril de 2013.

⁸ Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130440/criticas/>, acessado em 14 de abril de 2013.

⁹ Termo usual para designar a ambientação cênica onde figuram os heróis da editora Marvel Comics.



sucedendo o Ícone e o Índice, dentro da tríade de relação do signo com seu objeto, no processo semiótico.

Para clarear a concepção de tal entendimento, é necessário atenta antes para a fenomenologia, campo onde ocorre a apreensão dos signos. Fenomenologia é a observação dos fenômenos que objetiva desvendar como o pensamento humano é capaz de gerar significados. A Fenomenologia “através da análise, postula as formas ou propriedades universais desses fenômenos” (SANTAELLA, 2005, p. 29). E a observação dos fenômenos dá-se em três instâncias de um processo, chamado semiótico ou de significação.

O signo, por sua vez, é algo que representa outra coisa, seu objeto, ou seja, aquilo que substitui. Uma coisa que se mostra para representar outra coisa. Ele não é seu objeto, mas é a significação desse objeto. Assim, um signo representa seu objeto, e só pode exercer sua função de significar na mente de alguém se traduzido em outros signos. “Para conhecer e se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos.” (SANTAELLA, 2005, p. 52).

Nesta perspectiva, um signo que se localize na primeira instância fenomenológica, chamada primeiridade, é um signo marcado pela qualidade e abstração. Seu poder é o de sugerir, de demonstrar uma qualidade sensível de reconhecimento. Algo volátil, instável e intangível. E sua característica de intangibilidade é tão marcante, que sequer é possível reconhecê-lo. “Tudo que está imediatamente presente à consciência de alguém é tudo aquilo que está na sua mente no instante presente”. (SANTAELLA, 2005, p. 43).

Um signo segundo – locado da segunda instância fenomenológica, a secundidade – é o que se apreende como repertório de um indivíduo. É onde as qualidades, sensações e abstrações da primeiridade são correlacionadas a existentes para receber um sentido já conhecido. E os signos de terceiridade fenomenológica têm sua base no processo de cognição. Se primeiridade dá a qualidade distinta e secundidade oferece a experiência residual, a terceiridade é o processo mental de pensamento em signos, a maneira a qual uma mente significa e representa o mundo para si mesma.

Peirce determinou relações triádicas para os signos, ou seja, de três a três. Tais relações são a do signo consigo mesmo, a relação do signo com seu objeto (aquilo que o signo substitui), e por último, a relação do signo com seu interpretante (aquilo que o signo está apto a produzir ou efetivamente produz numa mente). Para



este caso, observa-se apenas a relação do signo com seu objeto, uma vez que se assume aqui o herói como objeto e o mito como suas potencialidades sógnicas.

Assim, na relação do signo com seu objeto, a primeiridade se dá na forma de um ícone, signo que se manifesta em uma simples qualidade. Qualidades nada representam, apenas se dão a compreensão. O ícone, contudo, é carregado de sentidos que agem sobre a mente no processo semiótico e direcionam a ressignificação que o pensamento realiza.

Neste processo, o índice é um signo segundo que funciona fazendo menção a outra coisa com a qual está conectado de alguma maneira. O índice determina algo real, a que está inegavelmente atrelado nas suas capacidades de significar.

Rastros, pegadas, resíduos, remanências são todos índices de alguma coisa que por lá passou deixando suas marcas. Qualquer produto do fazer humano é um índice mais explícito ou menos explícito do modo como foi produzido (SANTAELLA, 2005, p. 66).

O símbolo é um signo de terceiridade, não representa seu objeto devido a uma característica de qualidade, nem por estabelecer com seu objeto uma relação de fato, mas sim, adquire seu poder de representar através de uma lei fundamentada em convenção ou pacto social. O símbolo é um signo geral, e que acaba gerando um significado também geral.

[...] o símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. E aquilo que ele representa também não é um individual, mas um geral. Assim são as palavras. Isto é: signos de lei e gerais. A palavra mulher, por exemplo, é um geral. O objeto que ela designa não é esta mulher, aquela mulher, ou a mulher do meu vizinho, mas toda e qualquer mulher. O objeto representado pelo símbolo é tão genérico quanto o próprio símbolo (SANTAELLA, 2005, p. 67).

Vale ressaltar que tudo é um processo contínuo, assim, o símbolo pressupõe o ícone e o índice. No processo de construção de sentido, o índice está carregado de ícones, de qualidades e capacidades abstratas de despertar a significação, assim como um símbolo está carregado de índices, pois todo símbolo carrega as marcas que o construíram como tal.

Pela historicidade, o herói vem representar um receptáculo onde o homem injeta seus dogmas ou formas reguladoras de conduta, mesmo que apenas um vislumbre de inspiração; também sua fé mediada pela crença, a maneira que agiu e age de modo diferenciado ao redor dos séculos dentro do poder de significação

humano. O herói é um tipo geral, pois é uma figura carregada de significados, mas que não é definida como este ou aquele herói. O herói é um arquétipo definido pelas capacidades icônicas e indicais que o construíram e assim, matem-no como símbolo dentro do processo semiótico.

Avante Vingadores

Visando a brevidade e melhor aprofundamento da análise, foi eleito aqui um objeto de estudo, o trailer definitivo de Os Vingadores.

Como abertura do trailer, tomamos uma imagem de Nova York e a voz do vilão, Loki, anunciando que “Vocês foram feitos”, então troca-se a cena para uma vitrine, onde rostos temerosos observam algo através da vidraça. Assim, a voz completa “para serem governados”. Então se seguem cenas de batalhas, com policiais tentando defender perímetros e explosões em massa, varrendo blocos inteiros da cidade.

“Vocês foram feitos para serem governados”. Tal colocação, associada as imagens, sugere que a ponderação inicial é a de que os humanos são um povo controlável. Seja por uma provável vulnerabilidade ou por uma volatilidade e incapacidade de reger a si mesmos. Assim, seria necessária outra força exterior para geri-los. E força é uma palavra que serve de base para a inferência que se segue, uma vez que as próximas cenas são de violência e perpassam um sentido de derrota por parte da humanidade. Ou seja, mesmo que não aceitem se submeter, os humanos serão, pela sua inferioridade, subjugados; de uma forma ou de outra, regidos.

No processo semiótico de relação do signo com seu objeto, são índices, uma vez que fazem referência a algo real, não apenas induzem a ideia, mas demonstram, neste caso, a destruição exposta na cena. Como Santaella ilustra:

Daí que todo existente seja um índice, pois, como existente, apresenta uma conexão de fato com o todo do conjunto de que é parte. Tudo que existe, portanto, é índice ou pode funcionar como índice. Basta, para tal, que seja constatada a relação com o objeto de que o índice é parte e com o qual está existencialmente conectado (SANTAELLA, 2010, p. 66).

No texto seguindo, “No fim, será cada homem por si mesmo”, associado ainda com cenas de violência massiva, denota desunião. A figura de Loki também é



vista em uma preparação e ataque certeiro. A troca de cenas do ataque do vilão para uma grande explosão também poderia representar o potencial destrutivo de sua investida, a real ameaça que representa para a humanidade. Mais uma vez, temos a materialidade da apreensão, os vestígios físicos da passagem do monstro, do vilão, a contrapartida do herói. O caráter indicial é muito presente, afinal, "o índice como real, concreto, singular é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções" (SANTAELLA, 2010, p. 66).

Com a problemática exposta, parte-se para a exposição de fato da proposição do filme. O grande orquestrador da união dos heróis, Nick Fury, colocando que "Vamos nos preparar", se seguindo, exaltando que "Havia uma ideia, de reunir um grupo de pessoas extraordinárias, para que quando precisássemos delas, elas travassem as batalhas que nós nunca poderíamos".

Aqui, infere-se que Fury fala, na verdade, em nome da humanidade quando discorre sobre as "batalhas que nós (humanos) nunca poderíamos" travar. Ou seja, na sua generalidade, por mais memorável que um ser humano possa chegar a ser, suas capacidades ainda são limitadas pela sua condição justamente humana, inferindo para o homem como um símbolo, algo geral, e determinado por suas próprias capacidades e limitações. "É evidente também que o símbolo, como lei geral, abstrata, para se manifestar precisa de réplicas, ocorrências singulares" (SANTAELLA, 2010. p. 68), ou seja, o homem também é um símbolo, regulado por suas especificidades.

Dessa forma é que o herói é algo extraordinário, que transcende a condição de homem pelas suas capacidades. Um símbolo carregado com índices e ícones divergentes, afinal, o herói é a esperança, a fé da humanidade e espera-se dele a força, a perseverança e a benevolência para confrontar e vencer o mal monstruoso.

São mais que humanos, mesmo alguns deles ainda sendo de fato homens e mulheres. Mas existe algo neles que os distingue, como Tony Stark, multimilionário, presidente de uma empresa bélica que, ao ser sequestrado, utilizou-se de uma tecnologia rudimentar para construir um exoesqueleto para potencializar sua fuga. Voltando para casa, ele intensificou suas pesquisas e construiu uma armadura tecnológica super-resistente, capaz de voar e equipada com armas de potencial onírico. Ele tornou-se o Homem de Ferro. Sua determinação e inteligência o



tornaram um herói, somado ao intuito de mudar algo estabelecido – em sua primeira missão, o Homem de Ferro extinguiu um grupo terrorista.

O próprio capitão America surgiu como o intuito de se tornar um símbolo dos EUA na segunda guerra mundial. Suas vestes ostentam a bandeira americana, assim como seu próprio nome faz referencia clara aos EUA. São uma série de ícones que despertam sentimentos, que circulam entre qualidades para construírem-se em índices do patriotismo e da imagem de um herói. Tudo isso para construir de fato um símbolo da luta boa da América e seus aliados, contra a o mal nazista de Hitler, o monstro interiorizado.

A prova disto é que sua primeira revista teve como capa uma ilustração do herói socando Adolf Hitler no rosto. Com o final da guerra, o Capitão América acabou saindo de circulação (de acordo com os quadrinhos, congelado nas águas do Oceano Pacífico), uma vez que a guerra de findara, e o herói tinha cumprido seu papel, o de elevar a estima Norte-Americana frente ao inimigo. Sem vilão, não há necessidade de herói.

Contudo, no decorrer da Guerra Fria, o Capitão foi trazido de volta para lutar contra o “Mal Socialista”. Suas campanhas agora eram investigativas, mais sombrias, à caça de espiões em solo americano. E ele foi sempre o herói americano, o vasilhame simbólico onde o país inteiro depositou, nas duas guerras, o seu sonho de desfecho – as qualidades primeiras e os ícones pretensos. Tal resolução de fatos torna claro o papel simbólico do herói um receptáculo e disseminador da fé e desejos de um povo, uma vez que mediados pela sua crença. E nesta figura tão patriota, tem-se o líder dos Vingadores. O soldado que os manteve unidos após seus desentendimentos. E de fato, as imagens assinam tais colocações, pois mostram vislumbres dos heróis da equipe.

E nas próximas imagens, mostram-nos em ação, e uma colocação de Fury questionando “Senhores, o que estão preparados para fazer?”, inferindo aqui, se os personagens, tidos como heróis estão realmente cientes do seu papel de herói. Uma vez que o poder e capacidades únicas não é premissa única. O herói deveria pela premissa, ser símbolo de fé, força e esperança, e Fury questiona os personagens sobre seu conhecimento sobre seu papel não apenas como força motriz na batalha, mas simbólico frente a esperança de todo um povo. Isso se reflete na continuidade do trailer, quando é mostrada uma cena de atrito na equipe, onde Tony Stark (Iron Man) coloca a Steve Rogers (Capitão América) “Sem ofensas, mas eu não sei



brincar direito com os outros”, e o Capitão rebate com a indagação “Grande homem em uma armadura. Tiramos isso fora, o que sobra de você?”. Todavia, a resposta de Stark é direta e irônica, “Um gênio, bilionário, playboy, filantropo”, e o fecho com um riso de Thor. A cena poderia referenciar o texto anterior, onde é indagada a ciência dos heróis justamente sobre seu papel como heróis, uma vez que o atrito é tão evidente.

Contudo, nas cenas seguintes há um sentido de superação e de realização do papel mítico do herói. A evidência, índices visuais através do trabalho em equipe nas cenas de batalha, traz à tona o papel que a figura exerce no imaginário social, pois também a letra da trilha sonora faz tal indicação, com ênfase nas duas primeiras estrofes “Nós estamos juntos agora/ Ninguém pode nos parar agora”.

A música em meio à cena evoca a completude de sentido de união. São ícones trazidos pela música e afirmados pelas cenas na forma de índices, que mais uma vez fundamentam-se no arquétipo dos heróis e seu papel. Os heróis estão unidos em nome do bem. O arquétipo mítico do herói.

E a fala seguinte do Homem de Ferro, “Se não pudermos proteger a Terra, pode ter certeza que vamos vingá-la” contempla a união e a determinação dos membros do grupo em estarem no papel de heróis e lutarem a batalha até o final, movidos pelas convicções do herói, pela injeção de sonhos e fé que move a figura mítica pelo seu valor e o objetivo: a benevolência o confronto épico contra o mal monstruoso. Com isso, encerra-se o trailer, com a assinatura da marca Avengers.

Numa visão geral do trailer, tem-se o gancho principal do longa-metragem, que é o fato de humanos heróis que lutam contra invasores alienígenas – o mal, teriomórfico e invasor é alienígena, ou seja, é impuro. Inumano, o que demonstra uma sugestão de que o homem representa algo puro, que vem do sublime e que está em suas potencialidades tornar-se o herói que tanto almeja. É a realização do sonho proposto pela figura mítica do herói.

Ao lutar contra o mal que o domina ou ameaça dominar, o homem se reafirma como objeto social, mas no seu imaginário, ele é um objeto que transcende, que rompe com a constância do cenário onde está inserido, possuindo capacidades super-humanas – seja através da inteligência e tecnologia ou por descendência divina.

Em Os Vingadores, mesmo humanos sem atributos físicos avantajados se tornam expoentes, como a Viúva Negra ou o Gavião Arqueiro, pelo fato de

carregarem em sua historicidade origem peculiares, e desenvolveram capacidades extraordinários, normalmente não alcançadas pela generalidade. Ali, eles representam a esperança da Terra, são heróis.

Homens e mulheres que lutam pela humanidade e vencem. Heróis nunca perdem. Não em sua totalidade, não na sua generalidade. Seriam utópicos. Servindo como combustor do imaginário humano, garantindo que o homem potencialize-se e alcance o próprio posto de herói. Tal representação simbólica afirma a dominância do homem, sua preponderância sobre as demais coisas e existentes, não apenas do planeta, mas do universo, uma vez que a ameaça maligna é alienígena.

Considerações finais

O monstro e o herói são figuras míticas bem conhecidas pelo decorrer da história. O monstro como símbolo age como uma representação de medo, de distorção dos conceitos de bem e moral, ressaltados e associados pela época com a própria presença histórica. No geral, representa como o homem, em toda a sua história, injetou seus anseios e desejos no abstrato, projetando-os a partir do monstro.

Afinal, a figura monstruosa pode possuir um caráter de crueldade e periculosidade em muitas formas, o que garante a presença de um herói, tornando o monstro, dentro do mito, o símbolo causador do outro símbolo ainda maior, pois o herói é o que inspira o homem, onde não os medos são colocados, mas as esperanças e as maravilhas. Como no caso de Os Vingadores, onde com suas características excepcionais, os heróis lutam pela humanidade contra um terrível mal alienígena.

Além de monstro e herói serem sobre-humanos de uma forma geral, suas características são equivalentes. Todavia, a ideologia a cerca do herói é diferenciada. Ele aparece no geral reinando após sua vitória, é celebrado, ao contrário do monstro, que geralmente é morto no clímax de seus poderes e continua representando terror dentro do mito.

Mas essa ideologia encontra uma possível explicação do caráter de mistério e distanciamento advindos da origem do monstro. Normalmente, ele é o resultado de uma infração, ou criação de algum mundo inferior, sombrio, deturpado e corrupto.



No caso de Os Vingadores, Loki foi exilado como pena por sua própria ganância no filme Thor, e retornou em busca de vingança.

Pela existência do herói, pode-se então entender que ele e o monstro possuem papéis antagônicos e destinados, uma vez que a função simbólica do herói é a força e a esperança, e pretende-se que sua imagem seja louvada, ao contrário do monstro, que representa o medo e a punição, e deve ser temido e odiado.

Mais que isso, vemos uma dependência, uma vez que símbolo do herói está direta e inegavelmente ligado ao monstro, seu inimigo. O herói só é herói quando se prova válido, ou seja, sem o monstro, não existe desafio, logo, não existe herói. Assim, o herói serve como um símbolo diretamente ligado a crença, uma vez que suas características próprias determinam benevolência e determinação – o que um homem comum precisa ter para se tornar expoente, se tornar herói.

Como lembra Pierce, quando se acredita que uma coisa é real, assim ela se torna, mesmo que de um ponto de vista abstrato e imaginário. Assim, este fato acontece devido a própria obscuridade subjetiva de pensamento do indivíduo em relação a sua forma de interpretar uma sensação produzida, pois não existe nada claro na interpretação, apenas qualidades e sugestões que agem sobre algo.

[...] Imaginamos contemplar, no objeto, uma qualidade especialmente misteriosa; e se nossa concepção nos faz posteriormente apresentada sob forma clara, não a reconhecemos, devido a ausência da sensação de ininteligibilidade. Enquanto perdura, o engano coloca, obviamente, invencível obstáculo no caminho do pensamento perspicaz (PEIRCE, 1972, pág 57).

Pelos ícones do processo, sentimentos que giram em torno da fé, da esperança e da força, e dos seus representantes existenciais: os heróis já existentes. Estas figuras servem como símbolo que mantém vivo o mito do herói, seja objetiva ou subjetivamente dentro do imaginário social contemporâneo. O mito do herói é uma bomba propulsora que interfere mesmo nas crenças de uma sociedade, regulando-as ou modificando-as em diversas instâncias através de suas características mais viscerais: que memorável será o bom e benevolente, determinado e forte, que lutará contra o mal monstruoso, teriomórfico ou interiorizado.



Referências bibliográficas

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Pretrópolis: Vozes, 1985.

DURANT, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HENN, Ronaldo. **O acontecimento jornalístico em sua dimensão semiótica**. IN: BENETTI, LEITE JUNIOR, Jorge. **O que é um monstro?**. Com Ciência, revista eletrônica de jornalismo científico da SBPC, 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=340>

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. IN: BENETTI, PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?**. São Paulo: Brasiliense, 2005.